

## 2. DANÇANDO COM FREUD NO PASSO DA GRADIVA DE JENSEN

*Dancing with Freud in Jessen's Gradiva*

Glaucia Maria Teixeira

### Resumo

Freud ao interpretar a obra do escritor alemão Wilhelm Jensen, “Gradiva: uma fantasia pompeiana” (1903), introduz conceitos psicanalíticos importantes para a transição teórica, vivida pela psicanálise, naquele momento particular da construção do saber inconsciente. A obra interpretativa de Jensen é intitulada por Freud por “Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen” (1907). Este artigo nos convida a pensar sobre conceitos inconscientes e dinâmica psíquica, através de sonhos, delírios, fantasias e transferência, vividos pela personagem Nobeit Hanold. O texto ora produzido, “Dançando com Freud no passo da Gradiva de Jensen”, reafirma de forma reflexiva e sintética os avanços teóricos da psicanálise na compreensão da subjetividade, tendo como interlocutor o saber inconsciente. Confirma-se nesse texto o pressuposto infalível, a arte como testemunho do inconsciente.

**Palavras-chave:** sonhos, delírios, fantasia e transferência.

### Abstract

When Freud interprets the work of the German writer Wilhelm Jensen, “The Pompeian Gradiva Fantasy” (1903), introduces important psychoanalytic concepts to transition theory, the psychoanalysts lived at that particular time of the unconscious knowledge construction. The interpretive work of Jensen's entitled by Freud as “Delusions and dreams in Jensen Gradiva” (1907). This article invites us to think about concepts and unconscious psychodynamics through dreams, delusions, fantasies and transfer experienced by the character Nobeit Hanold. The text now produced, “Dancing with Freud in Jessen's Gravidia”, reaffirms in a reflexively and synthetic way the psychoanalysis theoretical advances in understanding of subjectivity, as an interlocutor with the unconscious knowledge. This text confirms the the unfalible conjecture, the art as witness of the unconscious.

**Keywords:** dreams, delusions, fantasy and transference

Aonde nos leva o passo da Gradiva? Inicialmente ao lugar na mente de

arqueologia singular, sublinhado pelo reencontro do que foi irremediavelmente perdido, paradoxalmente preservado e que deve ser esquecido. Neste sentido em 1937 no texto “Construções em Análise”, Freud faz uma comparação do trabalho de reconstrução do analista com a escavação feita pelo arqueólogo de alguma morada que foi construída e soterrada; distingue de forma fundamental os dois trabalhos, o analista trabalha com material indestrutível, no psiquismo tudo é preservado.

O passo da Gradiva de Jensen nos indaga sobre um personagem que revela a mente soterrada por conflitos paralisantes, sob a égide de um imaginário poderoso, povoado por fantasias, alucinações e delírios.

Freud em seu trabalho “Delírios e sonho na Gradiva de Jensen”(1907), fez uma interpretação da obra que originalmente chama-se “de Gradiva: Uma Fantasia Pompeiana”, do escritor Wilhelm Jensen, publicado em 1903.

Esta obra se destaca por ser o primeiro estudo de Freud completamente dedicado à obra literária.

Em “O Projeto para Psicologia Científica” (1895), buscando à compreensão dos fenômenos psíquicos, rompendo com os paradigmas da neurologia, Freud defende que o desejo está fortemente ligado à manifestação alucinatória como tendência primordial do psiquismo; trata-se de uma vivência de uma situação prazerosa burlando a prova de realidade.

Com o lançamento da interpretação dos sonhos em 1900, observa-se o avanço teórico da psicanálise, inaugurando-se uma nova forma de pensar sobre o aparelho psíquico. O sonho, neste contexto, é a via régia de acesso ao conhecimento inconsciente. Revela o funcionamento do aparelho psíquico e seus mecanismos.

Ao interpretar a obra de Jensen, Freud nos conduz a pensar sobre o funcionamento do personagem Nobeit Hanold, que vive sonhos, alucinações e delírios. O personagem ao visitar um museu em Roma, fica fascinado ao ver uma escultura em gesso e a nomina de Gradiva, que significa aquela que avança. A escultura serve como aporte para a criação de uma mulher imaginária. Gradiva representa uma jovem adulta de vestes esvoaçantes, pés à amostra, calçando leves sandálias; um dos pés repousa no solo, enquanto o outro, flexionado para o próximo passo, apoia-se somente na ponta dos pés, perpendicular ao chão. Hanold a imagina como uma jovem de origem helênica, expressão facial suave e residindo em Pompeia. A partir do encontro com o relevo-escultura, o personagem desenvolve o delírio imaginativo, inventa uma mulher que como pigmaleão

tece a trama psíquica.

O papel do auto relevo foi de despertar o erotismo adormecido do personagem, atualizando efetivamente lembranças infantis até então, sob o efeito do recalçamento. Sem ter conhecimento do que lhe estava ocorrendo, o jovem arqueólogo, Nohbert Hanold, a partir da escultura-relevo, que nomina de Gradiva, encena seus conflitos através da tessitura de fantasias, sonhos e delírios.

Observa-se nesse sentido, fragmentos de sonhos, delírios e fantasias em recortes na obra Jensen.

No primeiro sonho, após o contato com o relevo, Hanold encontra-se na antiga Pompeia, destruída há 79 anos D.C. Observa a destruição do Vezúvio, ao ver Gradiva, tenta avisá-la do perigo, a jovem volta-lhe o rosto tranquilo e continua seu caminho pelo templo, ali curva-se deitada, até o tempo de suas faces transformarem-se em mármore, coberto pelas chuvas de lavas do Vezúvio. Ao acordar, teve a convicção que Gradiva vivera e que fora soterrada pelas lavas do vulcão, até que um canário chamou-lhe a atenção na casa da frente. Ao olhar para a rua, pensou ter visto uma silhueta de mulher e imaginou ser Gradiva e passa a procurá-la. Vai à Roma, depois para Nápoles, daí à Pompeia, onde ao meio-dia as almas retornam. Ao passear em Pompeia, ver Gradiva sair da casa e atravessar à rua e logo após desaparecer na casa de Meleagro.

O que faz Hanold imaginar sobre a relação que Gradiva teria com o dono da casa. Neste momento, Hanold se aproxima, quer falar com Gradiva em grego e ela responde, dizendo-lhe, que se quiser falar com ela fale em alemão. Gradiva passa gradativamente a ser uma jovem alemã de carne e osso. Hanold pede para que ela se deite como a vira no dia anterior, a jovem levanta e sai. Ele passa a procurá-la, quer saber do que Gradiva é feita. Ao encontrar Gradiva ele se aproxima, pede para que ela ande e exclama: "AH! Se ao menos fosse viva e real!". Percebe que a única diferença entre o relevo e a atual, é que esta calça sapatos modernos. Naquele instante, Gradiva revela seu próprio nome, Zoé (que significa vida) e diz: "Tenho que me curvar ao irremediável, há muito tempo estava morta". Ao se despedir promete que voltará ao meio-dia e desaparece. Hanold passa a buscá-la e numa colina encontra-se com um cavaleiro idoso, pareceu-lhe um zoólogo, uma figura estranhamente familiar. Então em busca, perambulando pela cidade chega a um hotel, onde compra um broche que o dono do hotel diz ter sido de um casal de namorados, que morrera por ocasião da erupção do vulcão Vezúvio. Nesta noite ele teve outro sonho, onde via Gradiva confeccionando um talo de ervas para capturar um lagarto. Ao acordar Hanold

não desiste de procurar Gradiva, conjectura encontrá-la em Pompeia, não só ao meio-dia (crença criada pelo personagem de que os mortos ressurgiriam). Ao chegar à casa de Meleagro, imagina encontrar Gradiva acompanhada, pergunta-lhe, então, se está sozinha. Ele lhe revela seu último delírio: “Seria dela o broche encontrado com o casal de namorados?”. Zoé disse que o dono do hotel tinha-lhe impressionado. Ofereceu-lhe um pedaço de pão, dizendo que há muito tempo haviam compartilhado uma refeição semelhante, há dois mil anos. Zoé provoca em Hanold a capacidade de pensar. Através de suas indagações, o estado confusional melhora, vem-lhe à cabeça, solucionar o conflito: “Seria ela um fantasma do meio-dia ou não?”. Zoé gradativamente apresenta-lhe a realidade, revelando o seu nome e dizendo-lhe que eram amigos de infância. Com o tempo ele foi se afastando dela e investindo na arqueologia. Zoé revela que a amizade transformara-se em amor, por fim, nota-se que a percepção de Hanold vai transformando-se. As memórias até aquele momento estavam veladas, fazendo com que o personagem se interessasse pelo jeito de andar das mulheres. Zoé suporta a transferência, e encena o papel junto ao personagem.

Freud nos dá as regras para tratar do delírio histérico: “Aceitar o delírio, não contradizê-lo; situar-se no mesmo plano da estrutura delirante; investigar o delírio atentamente, até descolá-lo.”

O delírio é tecido a partir dos conflitos que se articulam entre o poder do erotismo e o poder das forças que o reprimem. O relevo antigo( escultura) despertou o erotismo adormecido do personagem. Observa-se que as fantasias precursoras dos delírios são substituídas e derivadas de lembranças reprimidas que não conseguem atingir à consciência, devido à resistência.

Especificamente na obra Jensen, Freud menciona a distorção da realidade. O poder curativo do amor contra o delírio. Não é a realidade versus delírio, mas a transferência versus delírio que deve ser analisada; a realidade é um coadjuvante importante, porém a relação transferencial é a via que possibilita a compreensão dos conflitos psíquicos.

O delírio na Gradiva de Jensen é considerado texto que vai tracejar uma nova concepção de transferência e de sua operacionalização na clínica psicanalítica. O conceito de transferência na obra de Freud começa a se delinear nos estudos sobre histeria (1905), caso Dora, como uma forma de deslocamento. Ao interpretar a Gradiva de Jensen, Freud avança no exercício de novas aquisições teóricas, acrescentando um olhar significativo

que captura a transferência e a posição do analista, como determinantes para pontuar a transição teórica que se revela naquele momento história da psicanálise.

É com Gradiva que se articula o conceito de transferência, amor transferencial, fantasia e dinâmica pulsional. A libido está pronta por antecipação para ser dirigida ao objeto escolhido imaginariamente. Na obra de Freud é notório o desenvolvimento conceitual de fantasia, que recebe várias denominações; desde o brincar infantil, os devaneios, através das criações literárias, até as fantasias inconscientes que determinam os sintomas. No texto, "Escritores Criativos e Devaneios" (1907-1908), Freud se interessa pela criação imaginativa, associando o brincar infantil com o criação poética. A ocupação favorita das crianças são os brinquedos e jogos. Ao brincar toda criança se comporta como escritor criativo, pois cria um momento próprio. O brincar revela o prazer da fantasia. Ao parar de brincar, a criança apenas abdica o elo com os objetos reais, substituindo o brincar pela fantasia. Constrói-se castelos no ar, que chamamos devaneios. O brincar da criança revela as forças motivadoras da fantasia, são os seus desejos insatisfeitos. A fantasia é a matéria-prima que fundamenta a teoria psicanalítica. Neste sentido, Winnicott acrescenta a obra de Freud, significativas contribuições conceituais, quando introduz conceitos, como constituição do "Self", capacidade de criação, transicionalidade. Pensa-se a respeito de criar para ser, ser para criar. A constituição do "self", através da obra literária, apresenta momentos históricos diferentes entre a psicanálise e a literatura, como processo de mútuo conhecimento. Processos estes que se transformam historicamente, através de constantes acréscimos. Em 1887, época em que Freud corresponde-se com Fliss, a fantasia estava associada à teoria da sedução. As fantasias eram estruturas protetoras, sublimações de fatos. Freud afirma que podemos chegar à fatos pela realidade material, através das fantasias encobridoras. No período de 1897, Freud faz menção ao complexo de Édipo, através de sua análise. Descontrói-se a teoria da sedução, instaurando-se o conceito de realidade psíquica. Toda fantasia evidencia-se como um desejo insatisfeito, passando a proteger o sujeito não da realidade externa, mas da realidade interna. Especialmente na Gradiva de Jensen, observa-se que na fantasia do personagem há um entrelaçamento das duas realidades, psíquica e material. Ao mesmo tempo, em que a fantasia permite a conciliação entre o passado e o presente, também causa estranhamento.

Na concepção Freudiana o trabalho onírico, se liga a uma impressão atual; desejos remontam uma vivência anterior. Não existe no inconsciente a possibilidade de se

estabelecer um critério de distinção entre a verdade e a ficção. A verdade é definida como um limite que o aparelho psíquico pode suportar. A percepção da realidade objetiva traz desprazer, apesar da ação da censura. A fantasia vela a realidade de forma parcial, não se recobre por completo com a cena da infância, só se apresenta em alguns pontos dela. Há algo que escapa no objeto, que exige simbolização. Com a perda do objeto de satisfação, resta o “eu” inscrever esta demanda psiquicamente, pela via da representação, o que sugere que a organização do campo simbólico depende um intérprete. Zoé faz o papel de analista, aquela que como o próprio nome sugere, dá a vida ao que no imaginário estava supostamente adormecido, impossibilitando a capacidade de pensar. Freud trilhou as pegadas de Grandiva de Jensen, percorrendo o que saiu dos trilhos, os delírios do personagem. O próprio conceito de delírio tem como significado sair dos trilhos.

Conclui-se portanto, que no contexto interpretativo da Gradiva de Jensen, Freud lança mão de um texto literário para introduzir a teoria psicanalítica e a dimensão da subjetividade na obra literária. Assegura-se o pressuposto infalível, a arte como testemunha do inconsciente. A psicanálise neste sentido é a literatura singular da subjetividade, nomeando e situando uma linguagem permeada por significantes e significados.

Neste momento do texto, pensa-se sobre a capacidade de dialogar com Winnicott, Lacan, Green, Bion e outros, , que tão genialmente brincaram, colaborando teoricamente para a transmissão da psicanálise de forma criativa e genuinamente poética.

Dançar com Freud é Gradivar na inquietude do desejo de saber, é arriscar o passo, passo a passo, coreografando a mente, construindo-se novos passos. É sonhar, delirar, fantasiar, pisando no solo, recriando Gradivas. Dançar com Freud é se deixar levar nos braços do criador, no colo da mãe que cuidou, e assim sentir-se embalar por Freud, só Freud.

## Referências

- FREUD, S. (1900). Interpretação dos Sonhos. Edição standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. 4/5. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. (1907[1906]). Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen. Edição standard das Obras psicológicas de Sigmund Freud. Vol. 9. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. (1905). Estudo sobre histeria. Vol. 02. Edição Standard das Obras psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1910). Escritores criativos e devaneios. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. 11. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1950[1895]). Projeto para uma psicologia científica. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. Construções em análise (1937a). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.

**VIII**  
ENCONTRO  
**BRASILEIRO**  
SOBRE O PENSAMENTO DE  
**D.W. WINNICOTT**



*O brincar é a  
realidade*

**03 a 05 de outubro 2013**  
Bento Gonçalves - Vale dos Vinhedos - RS

**[www.encontrobrasilwinnicott.com](http://www.encontrobrasilwinnicott.com)**